

ESTUDE COMO UMA GORDA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE AÇÕES DE EXTENSÃO SOBRE GORDOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR.¹

Marcela M Fogagnoli Erthal ²

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar alguns resultados e ações do projeto de extensão “Estude como uma gorda: gordofobia, escola e resistências”, desenvolvido entre 2022 e 2024 nos campi Pinheiral e Volta Redonda do IFRJ. O objetivo principal do projeto foi contribuir na luta contra a gordofobia no ambiente escolar, a partir de debates e reflexões com a comunidade escolar sobre o corpo como objeto histórico e social e as estruturas sociais que forjam padrões estéticos e corporais a fim de excluir e invisibilizar outros tantos corpos que não cabem nesses padrões. O projeto contou com a parceria do Colégio Estadual Celio Barbosa Anchite e dos Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) dos campi Pinheiral e Volta Redonda. Compreendendo que a estigmatização dos corpos gordos é produto de uma reprodução de valores e padrões que acontece pelas instituições sociais, inserimos a escola na centralidade desse debate. As escolas são um ambiente privilegiado de lutas e resistências por transformações sociais, porém, se não preparadas para abordar e discutir temáticas como a gordofobia, tornam-se espaços em que as práticas discriminatórias e excludentes se apresentam e se reforçam. Portanto, é premente que essa instituição toque nessa ferida social, através de formações para toda comunidade escolar e diálogos com os educandos. Assim, o projeto tem promovido rodas de conversas com estudantes normalistas e funcionários do Colégio Anchite. Algumas importantes ações foram feitas em atividades nos campi envolvidos, como cine debate, rodas de conversas e palestras. Como resultado preliminar das ações do projeto, temos uma página no Instagram de caráter informativo, visando à divulgação científica a respeito do tema.

Palavras-chave: Gordofobia; Educação; Juventude; Resistência.

INTRODUÇÃO

Os corpos gordos existem. Todos os corpos existem para além do que vemos: são sujeitos e objetos históricos que se constroem nas relações sociais, que vão forjando e sendo forjados no tecido social, nas suas estruturas e culturas. Os corpos gordos, na contemporaneidade ocidental, para que existam, precisam resistir.

Esta pesquisa se insere no debate acerca dos corpos gordos. Numa sociedade cujo discurso normatizado socialmente é que o corpo magro é belo e saudável, um corpo que está fora desse padrão é considerado feio, anormal e doente. Assim, os corpos gordos são excluídos

¹ Texto produzido em conjunto com Aline Moraes da Costa Lins.

² Professora de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, campus Pinheiral, marcela.erthal@ifrj.edu.br;

socialmente e essa discriminação é chamada de gordofobia, preconceito que leva à exclusão social e nega acessibilidade às pessoas gordas (Jimenez, 2020).

O corpo feminino, ao longo do tempo, sempre esteve associado aos padrões de beleza. É a partir de um determinado padrão vigente que os corpos femininos são caracterizados, se belos, saudáveis e elegantes ou se feios, doentes e desajeitados. Houve época na história em que o corpo gordo era sinal de riqueza, abundância, beleza, saúde e fertilidade. Em contraponto, o corpo magro era considerado doente, feio e demonstrava pobreza. As mulheres magras da época buscavam inúmeras maneiras de engordar. Podemos afirmar, portanto, que independente da época ou padrão, havia sempre uma busca por obter o corpo socialmente aceitável.

Atualmente, o corpo magro e malhado é sinal de beleza e saúde e vivemos uma verdadeira demonização da gordura corporal. Não basta ser magro, é preciso ter o corpo definido e com o menor percentual de gordura possível. Para alcançar esse corpo ideal, cada vez mais mulheres se submetem a tratamentos e cirurgias invasivas, dietas restritas, exercícios físicos extenuantes e todo tipo de recurso para chegar ao padrão de beleza cada vez mais vendido pela mídia.

Mas essa busca pelo padrão de beleza vai além do peso, é preciso ser magra, ter cabelos macios e brilhantes, rosto claro sem manchas ou rugas, unhas feitas, lábios carnudos, sobrancelhas desenhadas e rostos simétricos. E vai ficando cada vez mais difícil alcançar esse padrão. O custo dele é alto, física, mental e financeiramente. Chegar ao corpo socialmente aceito e aplaudido na concepção da sociedade capitalista em que vivemos se torna um sonho distante. E assim, ficar satisfeito com o próprio corpo parece ser praticamente impossível. O que resta é frustração e sentimento de inadequação. Do mesmo modo que o sistema capitalista na sociedade do consumo que estamos inseridos produzem desejos para a venda de produtos, a idealização do corpo perfeito também foi cooptada: há um mercado extenso e lucrativo por trás da insatisfação com o corpo e da busca pelo ideal inatingível. “O desejo deseja desejo”, como nos alertou BAUMAN (2001), e esse desejo é a base do lucro e do sistema.

Quem não se enquadra nesse ideal de corpo belo está fora desta padronização, o que leva a uma cobrança social por não se enquadrar no corpo considerado o “melhor” (Jimenez, 2020). Embora a pressão estética atinja todos os corpos, ela é maior e mais dura com as mulheres. Desde crianças vivenciamos comparações, aprendemos a nos arrumar como belas e femininas, sempre com o objetivo de agradar aos outros e sermos aprovadas. Enquanto isso, os meninos são educados para serem livres, corajosos e fortes.

A pressão sobre os corpos femininos é intensa. Porém ela é maior sobre os corpos das mulheres gordas. Desde criança a menina aprende que ser bela é ser magra, que as roupas vestem melhor em pessoas magras e quando adolescentes percebem que as meninas magras são mais aceitas e desejadas.

Isso ocorre porque vivemos numa sociedade regida pela “lipofobia”, com obsessão pela magreza e rejeição quase que maníaca à obesidade (Jimenez, 2020). O resultado disso é o preconceito contra as pessoas gordas, negando a elas inclusão social e acessibilidade. Há, portanto, um pré-julgamento que desvaloriza, inferioriza, humilha e ofende os corpos gordos.

Desse modo, a gordofobia está presente nos mais diversos espaços sociais e muitas vezes vem disfarçada de preocupação com a saúde. Assim, se assume que a pessoa gorda invariavelmente possui problemas de saúde pelo simples fato de ser gorda. Enquanto isso, pessoas magras são consideradas saudáveis (Jimenez, 2020). O discurso médico reduz o emagrecimento como solução para qualquer queixa de saúde de uma pessoa gorda. Portanto, às pessoas gordas é negado o acesso ao atendimento médico de qualidade, uma vez que além do discurso médico, o ambiente hospitalar não dá acessibilidade aos corpos gordos, que muitas vezes não cabem nas macas ou cadeiras. Nas palavras de Jimenez,

Sustentada por discursos de poder, de saúde e beleza como geradores de exclusão, existem comportamentos diários que reforçam o preconceito/estigma em relação às pessoas gordas, corroborando os estereótipos que estabelecem situações degradantes, constrangedoras, marginalizando essas pessoas e as excluindo socialmente. (Jimenez, 2020, p. 3)

Esses comportamentos acontecem nos mais diversos espaços sociais: na família, na escola, no transporte público, na mídia, nas academias, nas praias e por aí em diante. Assim, a pressão por ter um corpo socialmente aceito se torna cada vez maior. E a associação entre conquista da beleza e consumo de determinados produtos gera lucros milionários para a indústria. As mulheres que ficam de fora desse ciclo de consumo são consideradas feias, descuidadas e pouco femininas.

O medo de engordar se tornou um problema em nossa sociedade e é passado às meninas desde a infância. A estigmatização do corpo gordo leva a discursos de que a mulher gorda é infeliz e/ou não consegue se casar ou ser amada. Geralmente é na adolescência que as meninas percebem com mais nitidez essa inadequação de seus corpos e recorrem aos recursos que estão a seu alcance para alcançar o padrão imposto. É nesse contexto que muitas desenvolvem transtornos alimentares e de imagem, depressão e algumas chegam a tentativas de suicídio.

Como dito, este estigma de que o corpo gordo é inadequado, doente e feio é estrutural e transmitido em diversos espaços sociais. A escola é um espaço onde esse estigma se desenvolve com muita rapidez e facilidade. As experiências de gordofobia vivenciadas por pessoas gordas ao longo de suas vidas geralmente ocorreram em algum momento da vida escolar. São comuns, portanto, situações de reprovação, ofensas, piadas de mau gosto sofridas por crianças e adolescentes gordos no ambiente escolar, gerando um sentimento de inadequação e inferioridade.

Mas a escola pode ser também um espaço de desconstrução de estigmas, formação e acolhimento. Assim, para além do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola (Saviani, 1995), a escola é também um espaço de leitura e compreensão do mundo em seus aspectos sociais. Nas palavras de Freire (1991, p. 126),

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um querer fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos.

Portanto, falar sobre gordofobia em nossos dias é mais que urgente e entendemos que a escola é o ambiente ideal para formação de uma nova consciência sobre os corpos e espaço de combate aos preconceitos, entre eles a gordofobia. Nesse sentido, o projeto pretende desenvolver ações nas escolas que valorizem a diversidade dos corpos e combatam a gordofobia no ambiente escolar.

METODOLOGIA

Visando a produção de conhecimento e de práticas dialogadas com a sociedade, esse projeto tem como foco a metodologia participativa e a pesquisa-ação junto aos atores sociais envolvidos no processo, a saber, comunidades escolares dos municípios de Pinheiral e Volta Redonda, com foco mais específico para as adolescentes.

Na primeira etapa a equipe do projeto realizou estudos e discussões sobre questões que auxiliam o entendimento de temáticas sobre o corpo como sujeito e objeto histórico, gordofobia e resistência. Esses momentos de formação aconteceram em encontros presenciais e online. Nessa fase foram definidos os caminhos teóricos da pesquisa e as teorias analisadas foram o aporte para compreensão das categorias necessárias a serem utilizadas nas atividades práticas com a comunidade escolar, como as oficinas e rodas de conversa.

A segunda etapa tem sido as ações realizadas na escola parceira e nos campi citados. Nessas ações temos utilizado como principal recurso as rodas de conversa, tendo como foco a gordofobia no ambiente escolar e, conseqüentemente, na vida das adolescentes, bem como práticas de combate. Ali os estudantes têm um espaço acolhedor para compartilhar suas experiências e refletir sobre questões relacionadas à gordofobia e suas interseccionalidades. Como ação de extensão, realizamos atividades com estudantes do curso de formação de professores no Colégio Estadual Celio Barbosa Anchite. Entendendo a potência de formar futuros professores

comprometidos com a luta antigordofóbica nas escolas, utilizamos esse espaço para troca de vivências, reflexão e aprendizagem.

A terceira etapa do projeto envolve a produção de material de divulgação, que está sendo publicado na página oficial do projeto no Instagram. Reconhecemos que essa rede social, além de ser uma plataforma amplamente utilizada, pode ser um recurso eficaz para a disseminação do conhecimento científico de maneira acessível e atraente. Com esse intuito, as postagens são elaboradas pelas bolsistas do projeto, com base nas leituras e discussões realizadas durante os encontros de formação. Cada postagem busca traduzir os conceitos discutidos de forma clara e interessante, alcançando um público mais amplo, incluindo não apenas a comunidade acadêmica, mas também o público em geral, que pode se interessar pelos temas abordados. Além disso, o uso de uma linguagem visual e textual simplificada é fundamental para garantir que as informações científicas sejam compreendidas de maneira eficiente, o que contribui para a popularização da ciência e para o desenvolvimento do pensamento crítico na sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme já exposto, a gordofobia é um preconceito que leva à exclusão social e nega acessibilidade as pessoas gordas. Essa estigmatização do corpo gordo acontece nos mais diversos espaços e contextos sociais, como as escolas (Jimenez, 2020, p.3). A gordofobia muitas vezes vem disfarçada de preocupação com a saúde, dificultando seu combate enquanto um preconceito pautado por discursos de poder, saúde e beleza.

A gordofobia, como demais conceitos, tem sua historicidade. Nem sempre o corpo gordo foi odiado. Ao contrário, em contextos históricos de fome e doenças, a gordura corporal era vista como sinal de opulência, fartura, riqueza e beleza. Sabrina Strings em seu livro *Fearing the Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia* (2019) destaca que o corpo hoje considerado como obeso já foi símbolo de riqueza e saúde em sociedades que viviam sob o espectro da fome. A autora aponta como esse corpo, que era aceito como comum e belo, passou a ser estigmatizado e repudiado.

A gordofobia e suas conseqüentes discriminações se acentuam ainda mais quando interseccionadas com o racismo e a violência de gênero (Silva e Jimenez, 2024). A gordofobia tem suas raízes no racismo científico. De acordo com Strings, a partir do final do século XIX, o pensamento racista afirmava que pessoas brancas eram superiores fisicamente, e por isso seus corpos deviam aparentar ser o menos semelhante possível ao de pessoas pretas, vistas como inferiores (Strings, 2019). Nesse contexto, começa a ser incentivado o uso de espartilhos e dietas para emagrecer como forma de se distanciar fisicamente de traços considerados inferiores por

serem presentes em muitas pessoas pretas, principalmente as mulheres. Segundo Silva e Jimenez, “os corpos negros eram constantemente associados ao pecado, e, com isso, a estigmatização e a patologização do corpo gordo negro demonstravam a legitimação das hierarquias sociais interseccionadas em raça, classe social e sexo” (Silva e Jimenez, 2024, p. 904).

No que diz respeito à patologização do corpo gordo, camuflado no discurso de preocupação com a saúde, cabem algumas considerações. A gordofobia, vista como uma questão de saúde, vem sendo legitimada pelos discursos médicos, dificultando, assim, reconhecê-la como um preconceito. O discurso atual de saúde “associa a magreza ao cuidado com o corpo, motivo pelo qual o corpo magro é considerado garantia de saúde e, por consequência, é visto como adequado/normal” (Paim, M. B., & Kovaleski, 2020). Conforme Paim, o Índice de Massa Corporal (IMC) foi proposto em 1995 como parâmetro universal para diagnóstico da obesidade e sua definição como doença. Considerando o corpo magro como o normal, a partir do IMC pode-se identificar o quanto a pessoa se afasta do padrão de normalidade. Desse modo, o corpo gordo é considerado como anormal e potencialmente doente (Paim, M. B., & Kovaleski, 2020).

A partir de sua patologização, o corpo gordo deixa de ser um “corpo social” e passa a ser um corpo doente, estigmatizado como anormal, não saudável e descuidado. Nas palavras de Paim,

a norma não produz apenas médias estatísticas, mas carrega também aquilo que é considerado desejável num momento histórico de determinada sociedade, o que é adequado e deve ser incorporado por todos como norma. Quando o indivíduo não alcança e ameaça o tipo ideal de corpo, sua atitude é entendida como negligência e é produzida uma forte exclusão social em relação aos corpos gordos, que são discriminados, rejeitados e culpabilizados. (Paim, M. B., & Kovaleski, 2020, p. 4-5)

Enquanto isso, a saúde das pessoas magras permanece inquestionável, o que é uma manifestação da gordofobia. A valorização do corpo magro e sua associação inquestionável à saúde coloca as pessoas magras em posição de privilégio. Bruna Lucila, utiliza o conceito de “meritocracia da magreza” para definir o processo social em que culpabiliza o indivíduo gordo. Nas palavras da autora,

o entendimento é que qualquer corpo pode ser magro se fizer por onde, se quiser ser saudável. A mesma lógica que circunda a meritocracia social: todo mundo pode ser bem sucedido, basta querer e se esforçar para isso. Tal entendimento é gordofóbico por não considerar os sujeitos gordos em sua individualidade, e por não ultrapassar a fronteira dos estereótipos. (Anjos, no prelo)

Essa lógica faz com que as pessoas cada vez mais busquem recursos para ter um corpo mais próximo dos padrões aceitáveis. Para isso, utilizam métodos como dietas restritivas, medicamentos, procedimentos estéticos, cirurgias e exercícios exaustivos. De acordo com Anjos, “a crítica ressoa somente para o indivíduo, não sendo direcionada também a uma indústria

estética que lucra massivamente com a propagação desse discurso hegemônico” (Anjos, no prelo).

A escola é um dos espaços sociais onde a gordofobia se apresenta de forma bem acentuada. Pessoas que sofreram gordofobia no ambiente escolar geralmente são marcadas por essas experiências, muitas vezes se recordando do contexto em que houve a agressão e até mesmo o nome do agressor. O sociólogo Emile Durkheim afirma que a família é a base para a formação do indivíduo (Durkheim, 1999). Ela funciona como nosso primeiro ambiente de socialização, onde vivenciamos as primeiras relações, interações e aprendizado. Na família ocorre a formação inicial dos indivíduos, que será ampliada com os conhecimentos escolares. A escola, enquanto instituição social, tem papel basilar na produção e reprodução cultural e social dos indivíduos. Bruna Lucila dos Anjos destaca a importância da escola como definidora de regras e modos de pensar, desde a primeira infância. Para autora,

o ambiente escolar é de grande influência na formação individual, para além da aprendizagem cognitiva, é nesse local onde os valores sociais são divulgados, primeiramente, para além da instituição familiar. Por isso, a escola deveria se preocupar com todas as opressões, inclusive, a questão do preconceito contra corpos, mas isso, infelizmente, não é prática no ambiente escolar (Anjos, no prelo).

Entendendo a escola como um espaço de formação e desconstrução, escolhemos o ambiente escolar como campo para nosso trabalho, buscando contribuir para formação de uma nova consciência sobre os corpos e combate aos preconceitos, entre eles a gordofobia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira roda de conversa desenvolvida pelo projeto aconteceu no campus Pinheiral, em maio de 2023, em parceria com os NUGEDS (Núcleo de Gênero e Diversidade) dos campi Volta Redonda e Pinheiral. O evento chamado “Um papo sobre gordofobia e pressão estética” contou com a participação de estudantes do ensino médio. Ali as bolsistas do projeto puderam conduzir a atividade e aplicar os estudos feitos na fase inicial do trabalho. O objetivo da ação foi colocar em questão as diferenças entre gordofobia e pressão estética e como elas atingem os indivíduos, em especial os adolescentes. Os participantes contaram um pouco sobre suas experiências pessoais desde a infância e como vivenciaram situações de pressão estética e/ou gordofobia. Entendemos que essas atividades coletivas de compartilhamento de experiências individuais possibilita um ambiente de escuta e acolhimento, onde cada pessoa ali presente teve a oportunidade de

ouvir e ser ouvida sobre suas vivências, angústias, dores e expectativas sobre as questões ali apresentadas.

A segunda roda de conversa foi realizada no Colégio Estadual Celio Barbosa Anchite com estudantes do terceiro ano do ensino médio na modalidade normal (formação de professores). No encontro foram discutidos conceitos gerais como preconceito, gordofobia, pressão estética e bullying. Trabalhamos com os participantes a importância da escola no combate aos preconceitos, em especial a gordofobia e o papel dos educadores nesse contexto.

Além das rodas de conversas, realizamos três edições do cine-debate intitulado “Corpo em cena: uma conversa sobre gordofobia e padrões no filme Dumplin”. O primeiro foi realizado no campus Pinheiral, durante a semana acadêmica e contou com um público de mais de cem estudantes do ensino médio técnico. O segundo aconteceu no campus Volta Redonda durante as atividades da semana acadêmica, em setembro de 2023. Ambos eventos ocorreram em parceria com os NUGEDS’s dos referidos campi. A terceira edição do cine-debate foi feita no Colégio Estadual Celio Barbosa Anchite. Dumplin é um filme baseado no livro homônimo de Julie Murphy e conta a história de uma adolescente gorda que decide desafiar os padrões impostos pela sociedade. O filme aborda, de forma delicada e sensível, temas como aceitação, padrões estéticos e gordofobia e foi bem aceito pelo público das três edições do cine-debate.

Realizamos também, em parceria com o NUGEDS e NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas) do campus Pinheiral, a palestra “Corpos livres: desconstruindo estigmas. Diálogos sobre gordofobia e violência contra a mulher”, durante a III Semana Escolar de Combate à Violência Contra a Mulher promovida por esses núcleos no campus. Na atividade, buscamos promover a reflexão de como a gordofobia se apresenta como um tipo de violência contra as mulheres, à medida em que estigmatiza e exclui os corpos gordos. O que, muitas vezes, leva mulheres à solidão, ou até mesmo a sofrerem violências físicas e simbólicas. Além disso, a gordofobia impulsiona mulheres a arriscarem suas vidas com medicamentos, dietas e cirurgias para emagrecerem e se encaixarem no corpo aceito socialmente.

Como segunda fase do trabalho, temos mantido uma página do Instagram, alimentada com conteúdos que são resultado das pesquisas e leituras realizadas pelas integrantes do projeto. Consideramos a divulgação científica como uma ação que veicula conhecimentos científicos para o público geral, através de diversas técnicas e recursos, como as mídias sociais. O Instagram é uma rede social com mais de 2 bilhões de usuários. No Brasil, aproximadamente 99 milhões de pessoas que usam o aplicativo todos os dias,

sendo o segundo país em números de usuários (Salgado, 2024). A rede social é a mais acessada por adolescentes e jovens, público-alvo do nosso projeto. Desse forma, utilizando uma linguagem direta, acessível e de fácil compreensão, procuramos disseminar informações sobre o combate à gordofobia nas escolas.

Figura 1: Página inicial do perfil @estudecomomagorda



Figura 2: Roda de conversa no Colégio Estadual Celio Barbosa Anchite



Figura 3: Cine-debate no campus Pinheiral



Figura 4: Roda de conversa no campus Pinheiral



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho tem sido no sentido de promover ações educacionais que abordem e combatam a gordofobia no ambiente escolar, compreendo a escola como um espaço privilegiado de formação, não apenas de conteúdos acadêmicos, mas também de valores sociais e éticos. Através deste projeto de extensão tem sido possível constatar que a gordofobia é um problema estrutural que afeta diretamente a vivência e a autoestima de adolescentes e jovens.

Por meio de atividades como rodas de conversa, cine-debates, palestras e diálogos com a comunidade escolar, o projeto tem promovido um espaço de reflexão crítica sobre o preconceito em torno dos corpos gordos, bem como sobre a pressão estética imposta pela sociedade contemporânea. Essas atividades demonstraram que o preconceito em relação ao corpo gordo não está apenas presente no cotidiano escolar, mas também é perpetuado por normas sociais que reforçam estereótipos de beleza e saúde, que muitas vezes são irreais e excludentes. Mais do que isso, essas ações ressaltam a necessidade urgente de transformar a escola em um ambiente acolhedor e inclusivo, onde todas as formas de corpo sejam respeitadas e valorizadas.

Outro ponto crucial que emerge deste trabalho é a importância de dar voz e protagonismo aos estudantes e à comunidade escolar na construção de uma educação mais inclusiva. Ao promover espaços de escuta ativa, como as rodas de conversa, o projeto permitiu que os participantes compartilhassem suas experiências pessoais e refletissem criticamente sobre como os padrões de beleza e as expectativas sociais afetam suas vidas cotidianas. Isso não gerou apenas um ambiente de acolhimento e solidariedade, mas

também fortaleceu a percepção de que é possível resistir às pressões estéticas e desafiar as normas sociais que marginalizam os corpos fora do padrão.

Além disso, o uso das redes sociais, como o Instagram, para a disseminação de informações e a criação de uma página voltada para o combate à gordofobia mostrou-se uma estratégia eficaz de ampliação do alcance da divulgação, especialmente entre os jovens. As redes sociais, como instrumentos amplamente utilizados por essa faixa etária, permitem que o debate sobre a gordofobia não fique restrito às atividades presenciais, mas ganhe novos espaços, engajando um público maior e sensibilizando-o para as questões levantadas pelo projeto.

Os resultados obtidos ao longo do projeto indicam que ações educativas voltadas para a desconstrução de preconceitos, como a gordofobia, são fundamentais para o desenvolvimento de uma educação que valorize a diversidade, a inclusão e o respeito mútuo. Esse tipo de abordagem contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos em relação às discriminações e desigualdades sociais.

A continuidade das ações extensionistas desse projeto reforçam o compromisso em transformar o ambiente educacional num espaço de resistência às opressões e de promoção da equidade. Portanto, conclui-se que é necessário que essas ações sejam mantidas e ampliadas, pois impulsionam a escola a desempenhar seu papel transformador, rompendo com preconceitos enraizados e promovendo uma cultura de respeito à diversidade corporal e social.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Bruna Lucila dos. Qual o lugar do corpo gordo na escola? Considerações iniciais sobre um estigma. No prelo.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. E-Mosaicos, V. 7, P. 3-25, 2019.

BAUMAN, Zigmund. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

JIMENEZ, Maria Luísa. Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos. Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea, à Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2020.

PAIM, M. B., & Kovaleski, D. F. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: Patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. *Saúde e Sociedade*, 29(1), 2020.

_____. Compreendendo o termo gordofobia médica a partir da perspectiva de pessoas gordas. *Saúde e Sociedade*, 33(1), 2024.

SALGADO, Danielle. Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20%C2%BA,menos%20uma%20vez%20por%20dia>. Acesso em 17 de agosto de 2024.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras aproximações*. 11^a ed. rev. São Paulo: Autores associados. 1991.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SILVA, S. R. da; JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; SOUZA, S. H. V. de. Intersecções entre racismo e gordofobia para construção de uma educação antirracista e antigordofóbica. Em: *Inter-Ação*, v. 49, n.ed.especial, Goiânia, 2024.

STRINGS, Sabrina. *Fearing the black body: the racial origins of fatphobia*. New York: New York University Press, 2019.

VIGARELLO, G. *As metamorfoses do gordo– história da obesidade no Ocidente. Da Idade Média ao século XX*. Petrópolis: Vozes, 2012.